

CAMINHO PORTUGUÊS DE SANTIAGO DE LEON DE ROSMITHAL



Orlando Fernandes

Francisco Machado

Fenómeno das peregrinações ao túmulo do Apóstolo Santiago

Com a morte de Jesus Cristo, o apóstolo Santiago, o Maior, partiu em direção ao norte da antiga Hispânia para espalhar a palavra do seu Mestre, mas não foi bem-sucedido. Dececionado, regressa à Terra Santa e acabou por ser decapitado por ordem de Herodes Agrippa, no ano de 44 d.C.. O seu corpo, já sem vida, foi transportado de barco por dois discípulos, Teodoro e Atanásio, até ao porto fluvial de Iria Flávia, nas imediações de Padrón, província da Corunha, sendo sepultado num local remoto do monte de *Liberum Donum*.

Quase 800 anos mais tarde, entre 813 e 820, um ermitão, de nome Pelaio, observou durante algumas noites seguidas uma “chuva de estrelas” (Campus Stellae, de onde deriva o atual nome de Compostela) sobre o monte e alertou Teodemiro, bispo de Iria Flávia, que prontamente ordenou escavações. No decorrer destes trabalhos, foi encontrado um túmulo de mármore com os restos mortais do apóstolo Santiago. Em meados do séc. IX, Afonso II, rei das Astúrias, mandou edificar uma igreja modesta, posteriormente reconstruída ampliada em 899, por indicação de Afonso III.

Estavam criadas as condições para o despoletar das peregrinações em direção a Santiago de Compostela, fenómeno que veio a transformar e adaptar todo o território da Península Ibérica e responsável pela movimentação de milhões de pessoas ao longo de quilómetros só para estarem próximo do túmulo do apóstolo que privou de perto com Jesus Cristo.

Por todos estes motivos, os Caminhos de Santiago de Compostela são as rotas mais percorridas do velho continente e que despertam interesse em vários pontos do globo, testemunhadas nas fontes bibliográficas ou, mais recentemente, nos dados disponibilizados pela Oficina do Peregrino.

Neste caso em particular, vamos focar-nos em Leon de Rosmihal, poderoso nobre da Boémia, região da República Checa, responsável por uma missão europeia que também consistia em peregrinar até ao túmulo do apóstolo Santiago.

Síntese da Peregrinação de Leon de Rosmithal

Leon de Rosmithal (1425 - 1486) pertencia aos Lev de Rozmitál, família da alta nobreza e das mais influentes da Boémia Central, região da República Checa.

Este barão destacou-se no ramo militar e foi um notável cavaleiro que detinha a propriedade dos castelos nas cidades de Blatná e Rozmitál, na região da Boémia Central. A sua irmã, Joana de Rosmithal, foi casada com o rei da Boémia, Jorge de Podiebrad, que, por ser protestante e lutar contra o poder papal, tinha uma má reputação na Europa. Para atenuar a má imagem do rei e da própria região, o monarca incumbiu Leon de Rosmithal de uma importantíssima missão europeia com objetivos políticos, militares e religiosos. Este último, tinha como expoente máximo a visita ao túmulo do apóstolo Santiago e pedir-lhe que intercedesse pela região da Boémia e os livrasse do tormento que recaía sobre um território ordeiro e culto.

Para esta importante jornada, Leon de Rosmithal reuniu-se de 52 cavalos e convocou 40 pessoas de sua confiança. Desta comitiva faziam parte 2 cronistas que relataram com minúcia esta viagem, eram eles: Schaschek, possivelmente secretário do barão, e Gabriel Tetzl, originário de Nuremberg, na Alemanha, que escreveu mais tardiamente e sempre no passado, apesar de ter feito parte da comitiva. A crónica da viagem perdeu-se, contudo, antes foi traduzida para Latim, no ano de 1577. Com base nesta transcrição, muitos autores replicaram esta missiva europeia.

Depois de tudo pronto, Leon de Rosmithal arrancou a 26 de novembro de 1465 de Praga, República Checa, e levava uma carta de recomendação redigida pela sua irmã, Joana de Rosmithal, para entregar a Frederico III, Sacro Imperador Romano-Germânico (Alemanha). Daqui, seguiram viagem pela Holanda, Bélgica, Inglaterra, França, Espanha, Portugal, Itália, Áustria e República Checa, onde chegaram em abril de 1467. Em todos os países, a comitiva era recebida pelos monarcas que lhes ofereciam estadia, alimentação e cartas de recomendação para prosseguirem viagem sem sobressaltos.

Peregrinação de Leon de Rosmithal em Portugal (até Braga)

Provenientes de Salamanca e com passagem por Hinojosa de Douro, a comitiva atravessou o rio Douro, utilizando uma barca, e depois de subirem um “caminho muy

áspero” chegaram a Freixo de Espada à Cinta, já no ano de 1466. Desde esta vila transmontana seguiram a sua viagem por: Torre de Moncorvo – Alebra (Abreiro) – Villa Panca (Vila Pouca de Aguiar) – atravessam o Tâmega na “puente de piedra” - Barcodevonde (Arco de Baúlhe) – Lanhoso (Póvoa de Lanhoso) – Braga (aqui termina este caminho. No caso da comitiva checa, seguiu viagem por Ponte de Lima, Valença do Minho, Tui...o que hoje é conhecido como o Caminho Central Português).

Chegados à cidade de Braga, o séquito foi recebido por Afonso V, rei de Portugal, que lhes concedeu hospedagem durante 8 dias, permitindo-lhes repousar da já longa e extenuante viagem. Antes de reiniciaram o caminho em direção ao túmulo do apóstolo, Afonso V ofereceu 2 cavalos a Leon de Rosmithal, provavelmente, num gesto de agradecimento pela carta que o barão trouxe de D. Leonor de Portugal (casada com o imperador Frederico III) para entregar ao rei Português.

Síntese da evolução do sistema viário

Como é que a comitiva de Leon de Rosmithal, oriunda da República Checa, entrou em Freixo de Espada à Cinta e sem percalços chegou a Braga?

No caso de Trás-os-Montes, terão utilizado uma via medieval estruturante que ligava esta antiga província à também antiga província do Minho. Esta via medieval terá sido projetada a partir das vias secundárias que confluíam para a via romana XVII, do Itinerário de Antonino, e de uma rede viária romana que servia diretamente o território mineiro de Tresminas e Jales, em Vila Pouca de Aguiar, amplamente conhecida e estudada para o território Trasmontano.

No Minho, o conhecimento sobre a itinação romana é deficitário. Assim sendo, neste caso, temos as localidades identificadas pelos cronistas (entre a Ponte de Cavez e Braga), pelas milhas descritas e socorrendo-nos dos topónimos, lajeados, proximidade das linhas de água e dos povoados castrejos, estamos em querer que identificamos o que terá sido uma via secundária romana (Viae Vicinales) que ligava Bracara Augusta à exploração aurífera de Jales e Tresminas para escoamento do ouro, evoluindo, naturalmente, para uma via secundária medieval identificada por alguns investigadores. Este eixo viário, como aconteceu na maioria dos casos, ajustou-se ao terreno para melhor circulação de bens e pessoas, conforme podemos confirmar pelos inúmeros cruzeiros, calçadas,

alminhas, capelas, igrejas, pontes, poldras, pontões, tudo ordenado pelo itinerário que nós identificamos.

Mais tarde, grande parte desta via evoluiu para uma Estrada Real perfeitamente identificada nas Memórias Paroquiais, de 1758, e que alguns párocos sugerem intervenções estruturais porque *“na estrada real que vai desta freguesia(Bucos) para a cidade de Braga e della para o termo de Basto e toda a Provincia de Trás dos Montes que pella munta gente a que dá passagem devia ser feita de esquadria* (sugere que seja substituída uma ponte de pau por uma de pedra) *por ser estrada muito publica e frequentada”* ou expressam receio em utilizar esta estrada que passa *“Por Travaços do Nascente ao Ponte passa da Trasmontana Povincia huma estrada para a cidade de Braga e daquelle lugar athé o de Simais.....a dita serra (de Paderne) de grande medo aos viandantes e passageiros e de muito susto”*, entre muitas outras referências. Esta Estrada Real foi delineada no “Mapa da Província do Entre-Douro-e-Minho”, de Custódio Vilas Boas, no ano de 1794.

É a partir dos meados do séc. XIX que há um conjunto de ações para adaptarem algumas Estradas Reais com o propósito de encurtar e acelerar as deslocações entre os principais municípios. É nessa senda de trabalhos que esta Estrada Real dá lugar, grosso modo, às Estradas Nacionais 103, 205 e 206.

Outros beneficiários desta via medieval estruturante

Seria uma via extremamente importante para o desenvolvimento dos territórios e facilitava as trocas comerciais entre o Minho e Trás-os-Montes. Para não comprometer a circulação de bens e pessoas foram construídas duas pontes medievais de extrema importância: uma sobre o rio Ave, a Ponte de Mem Guterres, atual União de Freguesias de Esperança e Brunhais, concelho da Póvoa de Lanhoso, e a Ponte de Cavez, sobre o rio Tâmega, na freguesia com o mesmo nome, no concelho de Cabeceiras de Basto.

Porém, esta via não servia apenas os habitantes locais, permitia a deslocação de peregrinos ou viajantes entre os vários pontos do reino. Há registos de inúmeros peregrinos para a freguesia de Basto (Sta. Senhorinha), concelho de Cabeceiras de Bastos, onde está sepultada Senhorinha que ali faleceu em 982 com fama de Santa. *“O rei D. Afonso III, levado em pequeno por seu pai D. Sancho I junto do túmulo da Santa para*

que intercedesse pela sua débil saúde” e do “Interessante também é o milagre de mandar calar as rãs”. Durante muito tempo, o túmulo de Santa Senhorinha recebeu inúmeras pessoas em peregrinação, utilizando vários caminhos que entroncavam na via que nós identificamos.

O Arcebispo de Braga, D. Fernando da Guerra (1417-1467), foi um dos frequentadores assíduos deste caminho que percorreu incessantemente durante aproximadamente 50 anos, quando ia em missão pastoral para Trás-os-Montes onde despachava expediente episcopal, motivo pelo qual temos noção da data e local onde estava.

Aliás, não terá sido este Arcebispo a ordenar a colocação de alminhas, cruzeiros e algumas capelas ao longo do percurso para que as suas jornadas não fossem tão penosas? Quem sabe se um estudo mais exaustivo não nos revelava estes detalhes.

Em meados de 1466, Leon de Rosmithal e a sua comitiva atravessam Portugal, na diagonal, utilizando esta via.

Volvido quase um século sobre a passagem do barão, mais concretamente a 24 de março de 1561, Frei Bartolomeu dos Mártires, Arcebispo de Braga, partiu em direção a Itália para participar no Concílio de Trento, Itália, mas passou por Bragança e Zamora. Quando terminou o Concílio, onde desempenhou um papel muito interventivo e importante, saiu de Trento a 8 de dezembro de 1563, montado numa mula oferecida por Pio IV. Passou por Salamanca e Alvitegudino (atual Vitigudino) e entrou em Freixo de Espada à Cinta a 23 de fevereiro de 1564, chegando a Braga passado uns dias.

Infelizmente, o itinerário realizado pelo Arcebispo Bracarense não foi descrito com minúcia pelo Frei Luís de Sousa. Caso dispuséssemos dessa informação tínhamos a percepção real por onde tinha passado Leon de Rosmithal e a sua extensa comitiva. Mas uma coisa temos presente, ambos utilizaram a mesma via medieval que ligava a antiga província de Trás-os-Montes à antiga província do Minho.

Conclusão

Depois da copilação bibliográfica, muito resumida superiormente, vertemos todos os dados históricos e arqueológicos para a cartografia e comparamos com as milhas disponibilizadas na crónica da viagem do nobre boémio Leon de Rosmithal de Blatna.

Deste trabalho resultou um percurso de aproximadamente 240 quilómetro que cruza doze municípios (Freixo de Espada à Cinta, Torre de Moncorvo, Vila Flor, Mirandela, Murça, Alijó, Vila Pouca de Aguiar, Ribeira de Pena, Cabeceiras de Basto, Vieira do Minho, Póvoa de Lanhoso e Braga). Temo consciência que, pela sua extensão e evolução urbanística dos territórios, historicamente algumas partes do itinerário já não correspondem ao traçado original. Qual o caminho de Santiago que não sofreu alterações e adaptações ao longo dos séculos?

Não obstante, esta utilização ininterrupta de pessoas deixou marcas indeléveis nos territórios atravessados. O esforço e a devoção dos peregrinos cruzam-se com as paisagens serenas e bucólicas dos territórios, transformadas pela força e firmeza das mãos dos homens e das mulheres que, ao longo dos séculos, foram preservando o nosso legado histórico.

Percorrer os aproximadamente 240 quilómetros do Caminho Português de Santiago de Leon de Rosmihal é imbuirmos num território com vistas soberbas, peçadas de emoções, património natural, religioso e histórico que provoca um choque nos sentidos dos peregrinos.

A todos os peregrinos, BOM CAMINHO.